

VISÃO DO CORREIO

Desemprego, um genérico no discurso eleitoral

Nem sempre os indicadores econômicos cumprem o papel que deveria caber a eles de orientar e servir de sustentação para políticas públicas capazes de promover desenvolvimento social, da renda e da qualidade de vida. Em países com o histórico de crises cíclicas do Brasil, é frequente e desanimador ver taxas e estatísticas importantes como retrato da situação do país, de seus períodos de alta ou baixa na economia, ser usadas como simples mostra de trunfo ou derrota política.

Emprego e desemprego são bons exemplos dessa armadilha, sobretudo em época de eleições, embora devam ser percebidos como sinais essenciais das necessidades dos brasileiros, e nisso sem importar a opção político-partidária. Com a campanha em curso à sucessão nos estados, no Planalto e no Legislativo, o tema da desocupação no país ressurge em meio aos discursos de pré-candidatos, mas de forma tímida e não apresenta as respostas que a população espera para um problema tão grave quanto era antes mesmo da pandemia de covid-19.

Os dados da Pnad Contínua do IBGE mostraram, de fato, aumento expressivo de 3,2 milhões de pessoas a mais no mercado de trabalho entre setembro e novembro do ano passado, frente ao trimestre encerrado em agosto de 2021. Como resultado da recuperação observada, 1,5 milhão de brasileiros deixaram o desemprego, redução de 10,6% no período analisado.

Contudo, não se trata de comemorar os números, uma vez que 12,4 milhões continuam excluídos. Com metodologia que capta apenas as vagas formais, o Caged mediu a criação de 3 milhões de empregos registrados de janeiro a novembro do ano passado. Foi o bastante para que o ministro do Trabalho e Previdência, Onyx Lorenzoni, celebrasse feitos do governo.

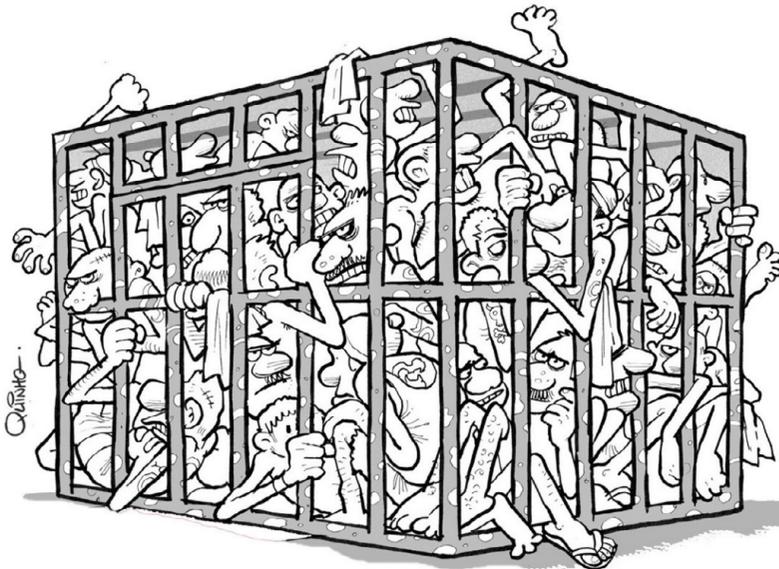
Como diz o ditado, melhor ter calma com o andar porque o santo é de barro. Os pesquisadores do IBGE, que mantêm levantamento amplo e englobando a economia informal, observaram que a boa performance do trimestre terminado em novembro, assim como do Caged, pode estar influenciada pela geração dos empregos temporários típicos do fim de ano.

Trata-se de uma expansão vista principalmente no comércio e no setor de serviços, associada às vendas motivadas pelas festas de Natal, as quais ganharam força neste ano, após o jejum que as famílias enfrentaram em 2020 devido ao avanço da covid-19. É preciso aguardar nova medição para que a recuperação do mercado de trabalho seja avaliada com maior segurança, proporcionada pelos próprios cálculos do IBGE. Ciente disso, o ministro da Economia, Paulo Guedes, preferiu a cautela, mas não deixou de criticar o IBGE, por ter, segundo Guedes, 'superestimado' o desemprego. "Eu não acredito que criamos tanto emprego assim. Acho que eles (IBGE e Caged) estão revendo a metodologia deles", disse o ministro durante participação em evento empresarial ao fim de dezembro. A dúvida foi colocada sobre o anúncio da criação de 3 milhões e meio de empregos no país desde o auge da pandemia de covid-19 em 2020.

Em vez de comemorar indicadores, a expectativa da população e dos eleitores que vão depositar seu voto nas urnas, em outubro, é de que o foco seja a condição de 12,4 milhões de desempregados. Analistas políticos têm alertado desde o fim do ano passado que os discursos dos pré-candidatos não têm tocado em soluções para problemas do dia a dia dos brasileiros, como são o desemprego, a baixa renda proveniente do trabalho e a qualificação modesta de boa parte da mão de obra, inclusive dos jovens no país.

A oito meses da abertura das urnas, as manifestações públicas dos concorrentes estão centradas nos problemas da chamada macroeconomia, quando, independentemente da facção política, já é esperado que qualquer postulante às cadeiras de presidente, governador ou dos parlamentares se comprometa com gestão eficiente das contas públicas, manutenção da inflação dentro das metas e de nível razoável de reservas internacionais.

Sem destaque ou amplificação, o desemprego tem tido citações genéricas. No entanto, pesquisas como a da consultoria Genial/Quaest mostram tratar-se de questão crucial para os brasileiros. Tanto é assim que desemprego e inflação foram citados por 41% de 2 mil entrevistados questionados sobre as principais dificuldades na economia.



-Alguém aí teria um álcool em gel pra emprestar?

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. » E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Novos bairros

O governo do DF anuncia a criação de 18 bairros em Brasília. Será bom para os quase 62 mil moradores que terão acesso a lotes e a novas moradias, mas será prejudicial para o urbanismo ambiental. Haverá maior superfície com asfalto e terrenos edificadas, com enorme superfície impermeabilizada. O DF urbanizará quase 400 mil hectares, onde o cerrado terá milhões de árvores cortadas e muitas nascentes serão destruídas. De fato, há outras possibilidades que suprem a falta de moradias. Observar a possibilidade de verticalizar os núcleos urbanos existentes ou agregar novos terrenos aos bairros antigos. Como geógrafo urbanista e preocupado com a natureza — considerada meio ambiente —, não vejo vantagem em aumentar a superfície com asfalto e cimento e grande espaço edificado. Por isso, será plausível rever essa solução para possibilitar novas moradias sem agredir o meio ambiente como referido.

» Aldo Paviani, Lago Sul

Combustíveis

Pode dar errado a ideia de criar um fundo para compensar altas do petróleo, quando provocadas pela oscilações no mercado internacional. A intenção, evidentemente, é boa: tentar evitar o impacto no bolso dos consumidores. Mas a medida pode acarretar muitos outros problemas. Sua implementação exigiria o uso de dinheiro público, que poderia ser mais bem aplicado em educação, saúde e segurança, tanto mais se levada em conta a atual escassez aguda de recursos. Ademais, a ideia contradiz a posição oficial em prol da extinção de fundos. O governo precisa, pois, ter cuidado no exame da matéria. Como é habitual em assuntos que envolvem o setor público, o diabo mora nos detalhes. Como fazer? Propostas estapafúrdias aparecem nesses momentos, como a de reduzir o ICMS sobre o preço dos combustíveis. Além da inpropriedade de usar tributos sobre o consumo com tal finalidade, a medida agravará a crítica situação dos estados e municípios, os donos do ICMS. Mais grave ainda será neutralizar o papel fundamental do sistema de preços em uma economia de mercado como a brasileira. Ao emitirem sinais aos agentes econômicos, os preços contribuem para organizar a atividade na área, coordenando decisões de consumidores e produtores. O consumo de um bem costuma diminuir quando seu preço aumenta. Com a atuação do fundo, o preço emitiria sinais errados aos consumidores, induzindo-os a manter o ritmo de consumo de um bem que ficou mais caro para o país. O fundo pode servir apenas para casos de volatilidade excessiva do preço dos combustíveis, que é ruim para a economia. O governo pode extrair lições das

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Lugar de nazista e de quem defende o nazismo é na cadeia. E quem confunde nazismo com comunismo só pode ser burro ou ignorante.

Washington L. S. Costa — Samambaia

Os juros e a inflação estão na estratosfera, e o poder de compra a cada dia mais enterrado.

Juarez Miranda — Jardim Botânico

O ministro Queiroga recua e, agora, aconselha os pais que vacinem suas crianças. Seria o início do marketing eleitoral?

Gilberto Borba — Sudoeste

intervenções do Banco Central (BC) no mercado de câmbio. Quando o dólar sobe, o BC age apenas para reduzir a excessiva volatilidade, nunca para interferir no preço natural da moeda. Nada a ver com a complexidade que caracteriza a operação de fundo para intervir no preço dos combustíveis. Por tudo isso, o governo faria bem se desistisse da ideia, a qual, de resto, provavelmente não tem paralelo em outros países.

» Renato Mendes Prestes, Águas Claras

Eduardo e Mônica

Uma crônica musical romântica sobre a juventude. Jovens apaixonados com problemas de interação têm caráter universal. São coisas feitas pelo coração. Com razão. Mas quem reside em Brasília há bastante tempo traduzirá melhor o filme *Eduardo e Mônica*, porque há referências de identificação. Salienta a juventude da classe média brasiliense dos anos 1980 inserida na aprazível ambientação da cidade idealizada por Oscar Niemeyer e Lucio Costa, como os cubos decorativos externos do Teatro Nacional, o amplo Parque da Cidade, a Biblioteca da UnB, o ponto de ônibus de alvenaria, as avenidas largas e gramadas, e até o insípido Setor Militar Urbano. A fita descortina o desbunde das festas em boates, sem compromisso com a ressaça, distante do burocratismo estatal da Esplanada dos Ministérios. A predileção de Mônica por Godard, Bandeira, Bauhaus, Van Gog, Caetano, Mutantes, o idioma alemão, Renato Russo revela seu cabedal cultural adquirido na leitura de livros e na vivência do agito cultural da Brasília de então. Pela cabeça do espectador começa a desenrolar um filme traçando o roteiro da ebulição daquele período: Exposições de artes na Galeria Oscar Seraphico; filmes no Cine Brasília, Cultura Inglesa, Karim da 110 Sul, Itapuã no Gamma...; Os filmes de Vladimir Carvalho e do bombeiro Afonso Brazza; Palestras na UnB; a revista *Bric A Brac* e a anarquista *Vibora*; a representação do cast nacional no Teatro Nacional, e a dos alternativos no Rola Pedra, em Taguatinga. A trilha sonora de Eduardo e Mônica nos remete ao Liga Tripa, Renato Matos, Concerto Cabeças, às noites no Beirute e no Bom Demais e bares da Asa Sul compo o roteiro dos lançamentos dos livros da geração do mimeógrafo/poesia marginal. Da geração coca-cola à militância sindical, Brasília se agitou com o enfumaçado Rockonha e a revolta no badernaço. Uma cena de afeição é revelada. O interesse de se estudar na UnB e ver seu nome, na lista dos aprovados, publicado nas páginas do **Correio Braziliense**. Até hoje guardo a minha. Grifada. O diretor e os roteiristas de *Eduardo e Mônica* despertaram no telespectador oitentaista esse delineio radiante de Renato Russo sobre aquela Brasília que se dizia fria e sem esquina. Ainda há quem insista nesse pensamento.

» Eduardo Pereira, Jardim Botânico

**ROSANE GARCIA**
rosanegarcia.df@dabr.com.br

Respeito é suficiente

Na última sexta-feira, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, usou o Twitter para agredir o jovem congolês Moïse Mugenvi Kabagambe, 24 anos, trucidado a pauladas por três homens, no Rio de Janeiro. Para o secretário, o congolês era um "vagabundo morto por vagabundos mais fortes". E não parou por aí. Camargo acrescentou, pela mesma mídia social, que a vítima não era "mártir nem herói" que merecesse qualquer homenagem. Embora não tivesse títulos, o imigrante, como qualquer ser humano, merece respeito, algo que parece difícil para o secretário negro, subalterno a brancos que repudiam os afrodescendentes.

Impossível mensurar a dor da família ao saber que um dos filhos, depois de ser covardemente morto por três elementos, dois dos quais com passagens pela polícia, foi rotulado de "vagabundo", uma ofensa inominável e gratuita desferida por uma pseudoautoridade federal. A família de Moïse e a parcela não racista nem nazifascista dos brasileiros não pleitearam homenagens ao jovem assassinado, porque ousou cobrar o que lhe era devido pelo trabalho prestado ao Quisque Tropicália.

Todos exigem justiça e um basta à violência contra o povo negro. O discurso de ódio e a incontestável ignorância sobre o racismo estrutural que permeia a organicidade de Estado e infecta boa parte da sociedade nacional são auto-declarações de incompetência e desinformação sobre a história do país. Revelam a desumanização que rege as atuais políticas

públicas, de uma administração federal sem qualquer empatia com a parcela empobrecida dos brasileiros, em que os negros são maioria e, portanto, vítimas também da aporofobia estatal. Acrescente-se ainda a homofobia, a misoginia, a xenofobia que, hoje, norteam as ações do Estado.

Não à toa, o cenário de preconceitos, construído em 2018, abriu o palco para que os nazifascistas encontrassem espaço em busca de protagonismo, até então, submerso na dark web. Eis que supostos comunicadores não se intimidam e defendem, abertamente, a legalização do partido nazista. A antropóloga Adriana Dias, da Universidade de Campinas (SP) e uma das autoridades no tema, identificou 530 células neonazistas no Brasil. Em 2019, esses grupos de seres abjetos e violentos chegavam a 334.

Os neonazistas tupiniquins — pessoas com DNA miscigenado — têm como alvo os negros, os indígenas, os integrantes da comunidade judaica e os LGBTQIA+. Exceto os judeus, que têm instituições organizadas e meios de proteção, o restante é alvo das mais diversas expressões de violência, sem que quaisquer medidas sejam adotadas em sua defesa. Pelo contrário. O assassinato de qualquer um deles é ignorado ou, muito eventualmente, investigado para detenção dos autores. O secretário se esquece que a sua pele negra aprisiona sua mentalidade caucasiana, detalhe que poderá torná-lo alvo preferencial daqueles aos quais é submisso.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houera, lá chegara"
Camões, e.VII e 14

ÁLVARO TEIXEIRA DA COSTA
Diretor Presidente

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Paulo Cesar Marques
Diretor de Comercialização e Marketing

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Diretor Financeiro

Plácido Fernandes Vieira e Vicente Nunes
Editores executivos

CORPORATIVO
Josemar Gigenez
Vice-presidente de Negócios Corporativos

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1102 - Redação: (61) 3214.1100; Fax: (61) 3214.1155 - Comercial: (61) 3214.1526, 3214-1211; Fax: (61) 3214.1205 - Sucursal São Paulo: End.: Alameda Joaquim Eugênio de Lima, nº 732, 7º andar - Jardim Paulista - CEP: 01403-000 - São Paulo/ SP Tel: (11) 3372-0022; E-mail: associados@uaigiga.com.br Sucursal Rio de Janeiro: End.: Rua Fonseca Teles, nº 114 e 120, Bloco 2, 1º andar - São Cristóvão - CEP: 20940-200 - Rio de Janeiro/ RJ, Tel: (21) 2263-1945; E-mail: sucursalfj@uaigiga.com.br REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: Minas Gerais e Espírito Santo - Mídia Brasil, Rua Tenente Brito Melo, 1223, sala 602 - Barro Preto - CEP: 30.180-070 - Belo Horizonte/MG; Tel.: (31) 3048-2310; E-mail: comercial@midiaabril.com.br Região Sul - HRM Representações Publicitárias, Rua Saldanha Marinho, 33 sala 508 - Menino Deus - CEP: 90.160-240 - Porto Alegre/RS; Tel.: (51) 3231-6287; E-mail: hmr@hrmmultimedia.com.br Regiões Nordeste e Centro Oeste - Goiânia: Exitô Representações - Rua Leonardo da Vinci, Quadra 24, Lote 1, C/2, Jardim Planalto - CEP: 74333-140, Goiânia-GO - Telefones: 62 3085-4770 e 62 3912-6119. Brasília: Sá Publicidade e Representações, SCS Qda 02 Bl. D - 15º andar - Ed. Oscar Niemeyer - salas 1502/3 - CEP: 70.316-900 - Brasília/DF; (61) 3201-0071/0072; E-mail: Thiago@sapublicidade.com.br Região Norte - Meio e Mídia, SRTVS Qda 701, Bl. K - Ed Embassy Tower, salas 701/2 - CEP: 73.340-000 - Brasília/DF; Tel: (61) 3964-0963; E-mail: atendimento@meioemidia.com.br

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiários e fotografias são fornecidos pela Reuters, AFP, Agência Notícias Intercontinental, Agência Estado, Agência O Globo, Agência A Tarde, Agência Folha, Agência O Dia e DA Press, Tel: (61) 3214-1131.

COMO ENTRAR EM CONTATO COM O CORREIO
Assinante/leitor/ classificados: 3342-1000

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM
DF/GO R\$ 3,00 R\$ 5,00

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação e sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

DA Press Multimídia Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG/Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1532 / 1568 / 0800-647-7377. Fax: (61) 3214.1595. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA LOG

Agenciamento de Publicidade